

107  
01

A109352

AGORA, em princípios de julho de 1954, depois de uma ausência de alguns anos, estive novamente em Guarapari, onde permaneci durante uma dezena de dias. A cidade desenvolveu-se espantosamente havendo um hotel de grande categoria e preços muito elevados, além de diversos outros mais modestos, alguns com bastante conforto. O mar, as praias e a cidade encontram-se no mesmo lugar, embora tenha esta última sofrido profundas transformações. O prognóstico que lancei em 1936 foi confirmado assim completamente, de maneira absoluta, em toda a sua extensão. O número de casas e ruas aumentou extraordinariamente e os terrenos valorizaram-se de maneira prodigiosa. Quando lá estive pela primeira vez, poderia ter comprado todas as casas da cidade, todos os terrenos da circunvizinhança, inclusive dezenas de alqueires das imediações, por quantia insignificante, seguramente pou-

co acima de cem contos de reis. Percem o futuro espantoso que estava reservado àquela região, chamei a atenção dos habitantes para a fortuna que tinham nas mãos e logo em seguida publiquei no O JORNAL, estas mesmas impressões, chamando ainda a atenção do governo para o futuro esplendoroso que aguardava aquela região. Foi o que repeti mais tarde, alguns anos depois, na "Revista Brasileira de Medicina", numero de Novembro de 1944, onde escrevi textualmente, depois de mencionar as maravilhas da localidade: "Pois bem, apesar de todos esses recursos naturais, do excepcional da sua situação, do surpreendente das suas perspectivas, lá está Guarapari ignorada e abandonada, desconhecida da população e do governo, esperando o milagre que tão facilmente pode torná-la numa das grandes maravilhas da nossa terra. Que os governos e os particulares se inteirem da maravilha e para lá canalizem os capitais necessários e indispensáveis. Guarapari está talhada para uma surpreendente experiência. O perigo é antes do plano ser diminuído ou mesquinho. A obra a ser realizada precisa ser de vulto e grandiosa para estar à altura da dívida da natureza. Uma inversão de capital, de grandes capitais, num projeto dessa ordem, é tarefa de alto patriotismo, que precisa ser realizada pelos homens de governo, cuja função maior é encontrar solução para os problemas que, sendo de utilidade para o país, ainda aumentam a sua grandeza. E nesse sentido que escrevemos as presentes linhas, julgando, pelo que vimos e observamos, que Guarapari deverá tornar-se numa estação balnearia de primeira ordem, tão verdadeiramente única e excepcional, que deve, por isso, receber também do governo auxílios únicos e excepcionais. E uma tal solução útil, necessária, indispensável, não pode deixar de

Silva MELLO

ser coroada dos mais decisivos resultados econômicos. Pelas condições climáticas que oferece e pelas suas praias de areias radioativas, talvez as únicas existentes no mundo, pode Guarapari ganhar fama universal e tornar-se centro de tratamento para doentes do mundo inteiro. E uma profecia, mas tem fundamento muito científico". Pouco tempo depois, voltei a Guarapari e os efeitos da primeira publicação já se estavam fazendo sentir. Começava a haver interesse pela localidade e o prefeito insistiu para que eu aceitasse um terreno ofertado pela municipalidade, à minha escolha, no melhor lugar das praias. Recusei e, logo depois, recebi uma manifestação pública da população, realizada festivamente na Câmara Municipal, na qual tive ocasião de repetir o que dissera a respeito do prodigioso futuro da cidade. Declarei que a valorização dos terrenos e das propriedades iria ser espantoso e que nada vendessem, que aguardassem tal valorização, que seria muito rápida. No meu discurso, proferido diante de quase toda a população, declarei o que já era do conhecimento dos meus amigos de Guarapari, gente simples e afeituosa, à qual muito me afeiçoei. Repeti que não compraria terreno algum na localidade ou em suas imediações e evitaria também que qualquer parente ou amigo o fizesse. Por que? Simplesmente para que todos tivessem a prova de que eu era sincero, de que não era movido por qualquer interesse material subalterno, de que a minha propaganda não tinha um movel oculto, era apenas consequência dos meus conhecimentos científicos, conhecimentos que eu havia alcançado como assistente do Instituto de Radium da Universidade de Berlim, onde trabalhei por longo tempo, publicando diversos trabalhos sobre os efeitos biológicos da radio-atividade. A minha "descoberta" de Guarapari não passava de uma simples aplicação científica desses meus conhecimentos. Nessas condições, como médico e homem de ciencia, não me ficava bem, era contra a propria ética explorar comercialmente tal possibilidade. Sabem que Alexander Fleming, o descobridor da penicilina, não quis enriquecer-se com a sua portentosa descoberta, que tem feito correr centenas de milhões para o bolso de industriais e comerciantes?

ESTOU contente de haver tomado essa atitude em relação a Guarapari, cumprindo um dever de dignidade aos nobres designios da ciencia, a qual não passo de um servo humilde e reverente. Também, por isso, conservei a liberdade de dizer agora as coisas como elas são, sobretudo quando Guarapari se transforma numa cidade de grande desenvolvimento. Dizer as coisas erra-

das ou monstruosas que por lá acabo de encontrar e que justificam o título deste artigo, classificando de barbáricos ou vândalos aos seus ingenuos e acanhados executores.

PASSEMOS aos fatos. Foi construída uma ponte para ligar o continente à cidade, dando passagem a autos, caminhões, carroças e pedestres. Até aí, a travessia operava-se por meio de balsas e canoas, que transportavam veículos e pessoas. Essa travessia, um dos grandes encantos da cidade, garantia-a contra o transito comercial e fornecia à população um belo passatempo, que consistia em esperar no cais a chegada dos recém-vindos. Tudo isso acabou. A cidade tornou-se burguesa, poeirenta, barulhenta, igual a qualquer outra, perdendo o que tinha de mais simpático, bucólico e característico. Foi um verdadeiro crime de arte e bom gosto, crime contra o homem e a natureza, que só os burgueses ou piores burgueses poderão aplaudir. Mas, como eles são numerosos e obstinados lá está a ponte para contentá-los e estragar Guarapari. Quero lembrar que, em Paqueta, não podem circular automoveis, apesar de ser uma cidade bastante populosa. Princeton, a celebre cidade universitaria dos Estados Unidos, onde vive Einstein e outros sábios, não tem industrias, que foram removidas, assim como a propria estrada de ferro, para longe da cidade.

Se não quiserem desmanchar a ponte que, pelo menos, desviem o transito de automoveis e caminhões da cidade, sobretudo das praias e das ruas centrais, talvez conduzindo-o por uma avenida à beira do cais, em direção ao interior. Uma medida que julgo de grande importância é que as ruas e praças sejam dispostas de tal maneira que sejam favorecidas no verão pela brisa do mar. Do contrário, pode acontecer de haver casas e recantos fechados, quentes e mal ventilados, como já pude verificar em certas zonas.

EM relação à Praça do Cais, tive a terrível decepção de verificar que grandes arvores quase seculares que aí existiam foram cortadas e, no seu lugar, plantados arbustos insignificantes finos quase como palitos, dos quais a maioria já morreu. A praça era relvada, tinha um tapete fino de grama natural, que foi arrancada para plantar-se a dos jardins artificiais. No centro, construíram em cimento uma especie de pequeno bidet, uma ofensa para os olhos e a dignidade da cidade. Bem perto dessa praça, existem ainda algumas jaqueiras seculares, esplendidos monumentos da natureza, que bem merecem a proteção do Patrimonio Historico, como é o caso em países mais civilizados. Se as cortarem, tomarei comigo proprio o compromisso de nunca mais